

ESTRATÉGIAS DE IMPLANTAÇÃO DE ESTUDOS FEMINISTAS NA UNIVERSIDADE DO QUEBEC EM MONTREAL (UQAM) E PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

Quando, entre nós, trata-se de estratégias de implantação de estudos feministas na universidade e suas perspectivas para o futuro, nossas discussões muitas vezes se parecem com aquela do otimista e do pessimista que, diante de um balde d'água, o declaram meio cheio ou meio vazio. Realmente, dependendo das circunstâncias, mas também em função de nosso estado de esgotamento ou de nosso nível de entusiasmo do dia, nossa análise das condições de desenvolvimento dos estudos feministas no Quebec pode oscilar entre uma interpretação ora positiva, ora negativa.

Dentro desta exposição, optei decididamente pelo *parti pris* do otimismo. Longe de mim a idéia de, com isso, dar crédito a uma versão cor-de-rosa da história da institucionalização dos estudos feministas na Universidade do Quebec em Montreal (UQAM). Uma versão assim seria pouco fiel à realidade. Cada etapa, cada projeto foram realizados "dando-se um jeito nas coisas", por um grupo de mulheres determinadas e imaginativas. E como se não bastasse, o campo dos estudos feministas continua tendo menos prestígio que as áreas "pesadas", ou consideradas socialmente prioritárias, ocupadas por nossos colegas masculinos. E isso, a despeito de suas conquistas, de sua forte produtividade e de suas contribuições teóricas, metodológicas e empíricas em todas as áreas das ciências sociais e humanas.

Isto posto, permanece o fato de que os estudos feministas ocupam um lugar cada vez mais importante na vida acadêmica e científica do Quebec desde o fim dos anos 70. E eu até acrescentaria, comparando com certas outras situações nacionais, que sua institucionalização se apóia em bases relativamente originais e bem estruturadas. De fato existem, dentro da maior parte de nossas universidades, estruturas reconhecidas que recebem, segundo modalidades que lhes são peculiares, as professoras, as pesquisadoras e as estudantes empenhadas no campo dos estudos feministas. Atualmente, as quatro mais ativas e produtivas são, no meio de

língua inglesa: o Instituto Simone de Beauvoir da Universidade Concordia e o Centro de Pesquisas sobre as Mulheres da Universidade McGill; e, no meio de língua francesa: o GREMF (Grupo de Pesquisas e Estudos Multidisciplinares Feministas) da Universidade Laval e o IREF (Instituto de Pesquisas e Estudos Feministas) da UQAM, de que se tratará mais longamente na continuação deste texto.

Foi na Universidade Concordia, universidade de língua inglesa da cidade de Montreal, que se realizou o primeiro curso sobre as mulheres, em 1968. Foi na UQAM, em 1972, que essa experiência foi iniciada na rede universitária de língua francesa. Atitude coletiva e militante, esse curso, que agrupava umas vinte professoras e encarregadas de aulas, foi seguido por cerca de 300 estudantes de ambos os sexos. Seguindo-se a essa primeira iniciativa, a tradição de coordenação e promoção de um ensino feminista multidisciplinar no meio de língua francesa terá seu verdadeiro impulso em 1976, com a criação do Grupo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas Feministas (GIERF), na UQAM, sucedido em 1990 pelo Instituto de Pesquisas e Estudos Feministas (IREF).

Oficialmente criado pelo Conselho de Administração da Universidade do Quebec em Montreal a 18 de dezembro de 1990, o IREF possibilita o agrupamento funcional dos principais recursos humanos ativos na área dos estudos feministas na UQAM. Voltado para a formação e a pesquisa feministas em uma perspectiva interdisciplinar, ele reúne atualmente mais de 150 membros regulares recrutados entre professoras, pesquisadoras, encarregadas de cursos, profissionais e estudantes. Podem também ser membros associados pessoas que, sem estarem ligadas à UQAM, têm atividades científicas e profissionais na área dos estudos feministas.

Ao longo dos anos, graças à determinação e ao militantismo de sua diretoria e seus membros, mas também a um clima institucional excepcionalmente bem disposto, até simpático em relação a ele, o GIERF, e depois o IREF, conseguiram:

- oferecer uma diversidade de serviços e atividades à comunidade estudantil e docente da UQAM;
- assegurar a coordenação e o desenvolvimento da pesquisa feminista, favorecendo principalmente a constituição de equipes de pesquisa;
- apoiar a criação de redes feministas e a divulgação dos conhecimentos feministas, mediante a organização de colóquios, seminários e conferências, e a edição de cadernos de pesquisa e obras de referência;
- e, finalmente, realização não desprovida de importância, vir a representar um lugar de identificação e solidariedade para seus membros.

Assim, em ligação com sua missão educativa, o IREF administra um banco de cerca de 50 cursos de primeiro, segundo e terceiro ciclos em todos os setores da vida acadêmica. Além disso, numa perspectiva interdisciplinar, oferece desde 1990 uma concentração em estudos feministas em vários

programas disciplinares de bacharelado¹ e, desde 1992, uma segunda concentração ao nível do mestrado².

Para compreender bem a lógica que presidiu a instauração de programas de concentração acessíveis a todos os/as estudantes inscritos/as nos programas regulares de bacharelado e mestrado na UQAM, é preciso saber que as feministas da UQAM, a exemplo de suas outras colegas de língua francesa, têm adotado tradicionalmente uma estratégia de institucionalização diferente daquela que foi seguida pelas universidades americanas e canadenses de língua inglesa; várias destas oferecem programas de bacharelado e também de mestrado especificamente em *women's studies*.

Foi para atender ao desejo de especialização das estudantes, mas também para consolidar a presença dos estudos feministas na UQAM que se adotou a fórmula mediana representada pelos programas de concentração durante os últimos anos. Essa fórmula atende, por um lado, a nosso desejo de ver as estudantes fazerem um encaminhamento especializado em estudos feministas que seja mais bem planejado, racionalizado e acompanhado. Por outro lado, ao vincular as concentrações a programas disciplinares regulares, a fórmula permite permanecer fiel a nossa vontade de incentivar um aprendizado teórico e metodológico de base bem ancorado em um quadro disciplinar preciso. Efetivamente, essa abertura para as outras disciplinas sempre foi percebida, pela maioria dos membros do IREF, como uma condição necessária para a manutenção e a progressão da multidisciplinaridade no próprio seio dos estudos feministas e como uma estratégia para evitar que os estudos feministas se desenvolvam à margem das outras disciplinas e sem interpelá-las.

Por seu impacto sobre o ensino e a vida acadêmica da UQAM, o GIERF e o IREF favoreceram o desenvolvimento de uma massa crítica de estudantes e professoras em estudos feministas: o número considerável de estudantes de ambos os sexos que completaram dissertações e teses tratando das mulheres, os feminismos e as relações de sexo, é um bom indicador quanto a isso. Mas, igualmente importante, a existência de uma estrutura de reunião como essa dentro da universidade terá permitido a várias de nós evitar o isolamento profissional e científico que, com excessiva frequência, ameaça aquelas que trabalham na área dos estudos feministas. Além do mais, a ênfase dada pelo IREF ao desenvolvimento interdisciplinar revelou-se propícia para a multiplicação dos eixos de pesquisa, das temáticas e das abordagens metodológicas acolhidas dentro do Instituto. Pode-se também pensar que a necessidade de fazer "bloco" contra o androcentrismo de nossos respectivos

¹ No primeiro ciclo, a concentração equivale a um programa curto de especialização (cinco ou seis cursos segundo as disciplinas), que se junta ao programa regular no qual a/o estudante está matriculada/o. Dezoito estudantes completaram o programa durante o ano universitário 1993-1994.

² Em junho de 1994, seis programas de estudos avançados haviam acolhido a concentração de segundo ciclo, aceitando que as/os estudantes que o requererem sigam um seminário multidisciplinar em estudos feministas oferecido pelo IREF e orientem sua formação e suas pesquisas em função dos critérios estabelecidos para vir ao encontro das exigências da concentração.

saberes disciplinares e contra a hegemonia patriarcal da cultura organizacional nos terá permitido desenvolver uma solidariedade profícua, tanto do ponto de vista humano quanto científico, dentro do respeito de nossas orientações teóricas e militantes respectivas.

Outro aspecto importante do mandato do IREF é "ficar próximo das preocupações e ações dos grupos de mulheres"³ a fim de favorecer uma troca fecunda dos saberes e habilidades femininas. Para ir ao encontro desse objetivo, além de participar dos debates públicos e trabalhar dentro de diversas associações feministas, os membros do IREF foram chamadas a desempenhar um papel ativo no desenvolvimento e promoção das atividades de formação, pesquisa, consulta e assessoria elaboradas no âmbito do Protocolo UQAM/Relais-Femmes⁴. Concretamente, o protocolo proporciona um apoio institucional e econômico a uma interação sustentada entre os membros da comunidade universitária Uqamiana e os grupos de mulheres. Torna possível, a estes, alguns recursos humanos e técnicos da Universidade no âmbito de atividades de ensino sem verbas, de pesquisa ou de consulta/assessoria. Assim, o convênio permite a Relais-Femmes e a seus membros filiados utilizar gratuitamente, ou a baixo preço, recursos físicos, tais como instalações, bibliotecas, equipamento audiovisual etc. Porém, principalmente, facilita o acesso à assessoria acadêmica para ir ao encontro de algumas das necessidades das associações femininas e dos grupos feministas em matéria de pesquisa ou ensino. Em retorno, no caso das parcerias de pesquisa, os grupos habitualmente trazem uma contribuição concreta e material sob a forma de alguma assessoria particular, participação física de membros dos grupos no processo de pesquisa ou diversos tipos de serviços que o grupo pode fornecer: recursos documentais, contatos com os membros, listas de endereço, trabalho de secretaria ou de pesquisa etc.... Finalmente, o protocolo garante os serviços de uma profissional dos Serviços para as Coletividades, da UQAM, que participa do Conselho de Administração de Relais-Femmes e do IREF e assegura os vínculos e o acompanhamento necessários⁵.

³ KURTZMAN, Lyne. Le Protocole Relais-Femmes. *La Course*. Relais-Femmes 5 e 6, 1991.

⁴ "Relais-Femmes é um organismo nacional nascido da própria vontade de diversos grupos de mulheres de se dotarem em serviços de pesquisa, formação e documentação. Donde, para esse organismo, a necessidade do protocolo que oficializa os serviços prestados aos grupos de mulheres pela UQAM desde 1976, ao mesmo tempo que reconhece suas estruturas próprias". Kurtzman, op. cit..

⁵ Quando é apresentado um pedido à UQAM por Relais-Femmes, a responsável pelo protocolo identifica, numa primeira etapa, as necessidades do grupo solicitante e os recursos acadêmicos competentes e interessados dentro da UQAM. Se essa providência tiver resultado, o grupo em seguida é posto em contato com a ou as professoras que aceitarão redigir o projeto de pesquisa, submetê-lo e assegurar sua execução se o projeto encontrar um financiamento. Se o projeto visa a uma pesquisa, o grupo então é chamado a participar de um comitê de acompanhamento de que fazem parte as pesquisadoras, as assistentes de pesquisa, se for o caso, uma permanente de Relais-Femmes e a coordenadora do Protocolo da UQAM. Esse comitê se reúne quando necessário para acompanhar a evolução do projeto, permitir que sejam alcançados os objetivos fixados no início e avaliar o desenrolar da atividade em seu conjunto. Dentro do comitê, Relais-Femmes tem um papel de coordenação, colaboração e vigilância em relação aos interesses dos grupos-membro.

Eu gostaria de agradecer a Lyne Kurtzman por ter tão amavelmente posto à minha disposição a informação aqui anotada

Iniciativa original, o protocolo representa, por um lado, um canal privilegiado pelo qual os grupos de mulheres têm acesso, por intermédio de Relais-Femmes, aos recursos acadêmicos da UQAM. Por outro lado, assegura o enraizamento social da pesquisa, sensibilizando as/os pesquisadores para as práticas e necessidades reais dos grupos de mulheres. Desde a assinatura do protocolo, centenas de pedidos foram encaminhados para a UQAM por Relais-Femmes, e um bom número dos grupos-membro do organismo puderam se beneficiar de serviços. Desde 1986, por exemplo, mais de 30 grupos de mulheres e outro tanto de pesquisadoras ou pesquisadores efetuaram pesquisas conjuntas no quadro do protocolo. Vários projetos de forma e caráter muito variado também foram gratuitamente oferecidos a grupos de mulheres, graças a uma política institucional que autoriza a liberação de uma parte das incumbências regulares por parte de uma professora ou professor para dar um curso desses. Em resumo, segundo a opinião de várias pessoas, o protocolo UQAM/Relais-Femmes constitui um exemplo único de colaboração entre acadêmicas e grupos de mulheres engajadas na ação social e no meio universitário, e comprova uma vontade explícita de aproximação entre os dois.

No momento atual, fiel a sua missão educativa e científica, o programa de desenvolvimento do IREF está centrado prioritariamente no aumento dos recursos humanos e materiais voltados para a promoção dos estudos feministas; a consolidação dos programas de estudos; a elaboração de instrumentos pedagógicos de língua francesa e a criação de uma rede de difusão feminista acadêmica de língua francesa. Entre os dossiês sociais em andamento, os do acesso à igualdade, da feminilização lingüística e da luta contra a violência e o assédio sexual no *campus* ocupam um lugar importante.

Para terminar com uma avaliação mais global do desenvolvimento dos estudos feministas no Quebec, acrescentarei que as iniciativas individuais e coletivas das pesquisadoras do Quebec, ao que tudo indica, beneficiaram-se de uma certa institucionalização do feminismo dentro do aparelho de Estado do Quebec. Os prós e os contras de um processo como esse já foram amplamente discutidos. Vou-me satisfazer aqui em acentuar que, sob o ponto de vista das estratégias de desenvolvimento, a criação de um Ministério da Condição Feminina, de comitês-mulher nos diversos ministérios, do Conselho do Estatuto da Mulher e de uma Cátedra do Quebec em Estudos Feministas contribuíram largamente para incentivar e legitimar o desenvolvimento acadêmico dessa área.

As pesquisadoras feministas das universidades do Quebec, agora reunidas em rede nacional, conseguem cada vez mais êxito junto aos organismos de financiamento: um programa regular de subvenções estratégicas do governo federal visa diretamente à temática das **mulheres e mudança social**. Esse programa estratégico de subvenções, assim como o que o antecedeu, cujo tema era **as mulheres e o trabalho**, certamente contribuiu para instaurar no Quebec uma tradição de pesquisas empíricas e

assessorias tendo como objeto específico a realidade das mulheres e as relações de sexo.

Por outro lado, a introdução de uma prática de intervenção feminista dentro da rede dos assuntos sociais do Quebec foi amplamente tributária do desenvolvimento de um ensino em intervenção feminista em nossas universidades. Por um efeito de retorno, a adoção dessa nova abordagem por parte de vários organismos ou serviços públicos, para-públicos ou voluntários para atacar os problemas de saúde das mulheres ou principalmente aqueles ligados à violência forçou a consolidação e o avanço de tais programas nas universidades⁶.

Isto posto, a despeito dessa saúde relativamente boa dos estudos feministas na UQAM e nas outras universidades do Quebec, tenho assim mesmo que pôr em perspectiva essas observações e reconhecer que as conquistas dos estudos feministas no Quebec parecem hoje particularmente frágeis, em um campo científico que continua enraizado em sua "objetividade" androcentrista e "com pressa" de passar para outra coisa. A situação continua sendo de sub-financiamento, de sub-representação das mulheres dentro do corpo docente, de bloqueio ao nível de amplos setores de ensino e de pesquisa, e de reticências crônicas por parte de um número ainda excessivamente grande de mulheres para reivindicar, individual e coletivamente, uma cota mais justa de participação e visibilidade. Nem no Quebec nem em outros lugares podemos nos glorificar por assistirmos a um aumento dos efetivos masculinos em nossos auditórios ou entre nossos leitores!

Assim, para assegurar a sobrevivência e o futuro dos estudos feministas, resta-nos encontrar as estratégias para extraí-los da periferia do campo dos saberes dominantes, convencer da legitimidade deles e de sua razão de ser e, finalmente, forçar todos e cada um dos universos disciplinares a integrar em seus respectivos *corpus* de conhecimentos as perspectivas e as críticas desses estudos. De meu lado, percebo como maneira de conseguir isso a intensificação do diálogo com as teorias dominantes de nossas disciplinas respectivas, a abertura da análise feminista para o conjunto dos problemas sociais, assim como o desenvolvimento de modelos de análise mais atentos à diversidade das experiências e das dinâmicas das relações sociais sexuadas.

Terminando, eu gostaria de levantar a questão de nossa substituição, pois a própria sobrevivência da área dos estudos e da pesquisa feministas me parece depender de nossa capacidade em garantir uma continuação. A esse respeito, nossas estratégias devem visar não apenas a suscitar em nossas estudantes graduadas o entusiasmo e o gosto de aderir à área e nela se envolver, mas também a fornecer a elas as condições intelectuais e materiais para fazer isso.

⁶ A respeito dessa questão, ver BOURGON, Michèle e CORBEIL, Christine. Dix ans d'Intervention Féministe au Québec. bilan et perspectives. *Santé Mentale au Québec* 1, vol. XV, maio de 1990, p. 205-222.